

A SUBJETIVIDADE DOS MILITARES: ENTRE O TANGÍVEL E O INTANGÍVEL¹

CLAUDIA MARIA SOUSA ANTUNES²
ANDRÉA COSTA DA SILVA²

RESENHA: MENEZES, D. T. **Como pensam os militares:** a construção social da subjetividade dos militares. São Paulo: Baraúna, 2015.

Dividido em onze capítulos, o livro *Como pensam os militares* parte de uma afirmação que causava espanto ao autor: "Os milicos são todos iguais". A partir desse mote, tenta, com uma visão sociológica, demonstrar as peculiaridades que diferenciam cada uma das Forças Armadas.

Conjugando seu perfil militar à sua vocação de estudioso, como apontado no prefácio à obra, o Brigadeiro Delano Menezes traça uma caracterização de Exército, Marinha e Aeronáutica. A partir da descrição de atitudes, aspirações e opiniões dos militares, o Brigadeiro procura expor a lógica dos elementos que compõem as bases sobre as quais seriam edificados os comportamentos dos indivíduos dessa categoria. Assim, o autor argumenta, por meio de exemplos e histórias, as ressignificações possíveis entre os militares e a instituição armada a que estão vinculados.

As tangências teóricas do primeiro capítulo abordam, como o próprio nome revela, as bases teóricas sobre as quais se assenta o trabalho. Sem cair no engodo da simples narrativa memorialista, o autor observa a criação de estereótipos quando se propõe a mostrar "como é feita a passagem de formas individuais a formas coletivas de comportamento e de identidade dos militares" (p. 51). Talvez esteja neste ponto a maior fragilidade da construção argumentativa do autor. Mesmo que em seu prefácio seja anunciado que o livro apresenta um "ensaio, impressionista no método de abordagem e provisório nas conclusões", o leitor que busca algo além das "tangências teóricas", que permeiam toda a narrativa do livro, sairá um pouco frustrado; mas terá seu fôlego recuperado pela visão panorâmica dos militares das três Forças Armadas brasileiras, explorada pelas acuradas e perspicazes observações do autor.

Dividido em aspectos "tangíveis" e "intangíveis" de cada força, o capítulo 5 tenta fazer uma análise das características de cada arma com base em seus comportamentos durante o período de formação militar, chamado de "universo tangível", e em decorrência de "determinismos sociais e culturais" (p. 52) – o "intangível". A partir de descrições sobre o dia a dia de soldados, marinheiros e aviadores, o autor procura estabelecer em que medida o ambiente influenciaria na construção da subjetividade dos militares, o que poderia ser possivelmente solucionado se o conceito de *habitus* (BOURDIEU, 1983) fosse mais explorado. Para ele, as regras escritas das três forças são similares, mas as não escritas (a "cultura", o "senso comum" dos militares) seriam peculiares a cada uma. A partir desse ponto de vista, o autor expõe sua tese de que as condições geofísicas do ambiente em que se vive influenciam decisivamente o comportamento das pessoas.

Uma tendência ao autoritarismo é apontada pelo autor, no capítulo 5, como característica das Forças. Entretanto, esse aspecto tenderia a se manifestar de maneira diversa em cada uma. Uma liderança autocrática para a Marinha, autoritária para o Exército e com um viés mais democrático na Aeronáutica. O autor aproveita, também, para reforçar sua tese da importância da ambiência ao afirmar que "o avião e o navio são objetos centrais para cada tipo de operação e [...] incidem diretamente na construção da subjetividade dos homens que os usam".

A liderança, a hierarquia, a disciplina e a doutrina, conceitos basilares para as Forças Armadas, são tratadas nos capítulos 5, 6, 7 e 8. Sobre os estilos de liderança, afirma que as "organizações militares se caracterizam basicamente por uma estrutura rigidamente estratificada, hierarquizada e autoritária" (p. 128). Para o autor, a hierarquia ultrapassa a simples obediência ao superior. Ela atribui poder, reforça rituais, e localiza, inclusive espacialmente, os indivíduos. Ligada à hierarquia, com a qual forma os pilares das instituições castrenses, a disciplina teria sua síntese relacionada ao adestramento, que adapta o indivíduo ao mecanismo da coerção (BOURDIEU, 1983 apud MENEZES, 2015,

¹ Available in English: <http://ebrevistas.eb.mil.br/index.php/RMM>

¹ Disponible en Español: <http://ebrevistas.eb.mil.br/index.php/RMM>

² Universidade da Força Aérea (UNIFA) - Rio de Janeiro/RJ, Brasil.

p. 71). Com esta perspectiva, o caráter coercitivo da disciplina possuiria uma face educativa, e receberia contornos diferenciados de acordo com cada Força Armada. Alinhada à hierarquia, a doutrina tem caráter flexível, passível de modificações com o tempo, em contraponto ao regulamento que, por vezes, se mantém estático. Neste ponto, parece-nos que a naturalização das redes de poder em que são construídas as tramas da hierarquia poderiam ser mais problematizadas, tendo em vista que o “exercício do poder” não opera somente de forma linear e em escala descendente.

Outro ponto que chama atenção é que o ingresso nas Forças Armadas é entendido como um movimento democrático e sem constrangimentos, sem levar em conta os imperativos que a sociedade contemporânea atravessa e que o ingresso às cadeiras castrenses pode refletir. E, neste ponto, a visão e a vivência de um oficial superior de carreira aparece de forma preponderante, nublando a existência de outros elementos do cenário militar como as mulheres, bem como a significativa participação das outras esferas de comando como graduados e praças. A relativização da subjetivação frente à existência destes atores faria com queo panorama apresentado fosse mais completo.

Por outro lado, o que poderia ser um problema – a visão personalista – oferece-nos um brinde de pérolas, como as três histórias, presentes no capítulo 10, coletadas de publicações internas das respectivas casernas, e que estão impregnadas de sentimentos e vivências de militares de cada uma das Forças. O autor sustenta que as narrativas constroem o imaginário coletivo de cada instituição

e, através delas, os comportamentos e valores seriam perpetuados, bem como ressignificados. Ele investe, assim, no argumento de que as Instituições constroem os indivíduos.

Proveitoso para estudantes e todos aqueles que se interessam por maiores informações sobre a vida na caserna ou sobre os fatores que regem a configuração dos corpos, o livro “Como pensam os militares: a construção social da subjetividade dos militares” traz uma perspectiva interna que tem o mérito de ampliar o entendimento daqueles que são “de fora” ou, mesmo, de companheiros de armas. A leitura pode servir de motivação para futuras sistematizações sobre tema tão instigante.

Diretor do *campus* Brasília da Escola Superior de Guerra (ESG), o Brigadeiro Delano Teixeira Menezes é membro da Associação Brasileira de Estudos de Defesa (Abed) e atua na área de Geopolítica e Estratégia. Mestre em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará, o professor Delano Menezes publicou, ainda, o livro *O militar e o diplomata: órfãos da política*. Possui diversos cursos na área, como Especialização em Política e Estratégia pela ESG e Política Aeroespacial pela Escola de Comando e Estado-Maior da Aeronáutica (Ecemar).

REFERÊNCIA

BOURDIEU, P. Esboço de uma teoria da prática. In: ORTIZ, Renato (Org.). **Pierre Bourdieu**: sociologia. Tradução de Paula Montero e Alícia Auzmendi. São Paulo: Ática, 1983. p. 46-81.